



**PROBLEMAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS X
VIVÊNCIA E REALIDADE DO CURSO: APROFUNDANDO SABERES
NA EJA (PIBIX/UFS -2011-2012)**

Daniel Santos de Sá ¹

Prof^a. Dr^a. Maria Josefa de Menezes Almeida ²

EIXO TEMÁTICO 2: Educação, sociedade e práticas educativas

RESUMO:

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é vista como uma modalidade educativa da Educação Básica que confere escolarização para além de alfabetizar a quem não teve oportunidade de estudar anteriormente ou que por algum motivo teve que interromper os estudos. No Brasil, ela se inicia por volta de 1967 com o Movimento Brasileiro de Educação e ao longo de tempo tem passado por alguns problemas que são retomados aqui neste trabalho para se contrapor à vivência e realidade do Curso: Aprofundando saberes na EJA, parte do Projeto: Pró-docência para EJA (PIBIX/ 2011-2012/UFS) desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa do Seppeja/Codap/UFS.

PALAVRAS- CHAVE: problemática educacional, EJA, inovação pedagógica.

ABSTRACT:

The youth and adults (EJA) is seen as an educational modality of Basic Education which provides education beyond literacy to those who had no opportunity to study previously or that for some reason had to interrupt his studies. In Brazil, it starts around 1967 with the Brazilian Movement of Education and over time has experienced some problems which are

1

¹ Graduando em Geografia (licenciatura); membro do grupo de pesquisa CNPQ-Seppeja/Codap/UFS. Contato: Daniel_oguardiao@hotmail.com

² Professora do Colégio de Aplicação da UFS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa CNPq – Seppeja/Codap/UFS. Coordenadora do Projeto Pró-docência para a EJA (PIBIX/2011-2012). Contato: josefaaju@gmail.com

repeated here in this work to counter the reality of experience and Stroke: Deepening knowledge in adult education, part of the Project : Pro-teaching for EJA (PIBIX / 2011-2012/UFS) developed by the Research Group Seppeja / Codap / UFS.

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um desafio para o Brasil em pleno sec.XXI, pois muito do que tem sido feito tem tido um caráter ingênuo por parte de seus idealizadores e docentes que são responsáveis por essa modalidade da educação brasileira. São comuns diversas atribuições de caráter negativo aos alunos que deixaram de estudar, ou aqueles ditos “analfabetos”, muitas vezes até são tratados como uma “enfermidade” social que precisa ser curada de qualquer forma. Para tanto, são imaginados programas e projetos implementados pelo governo para reverter os índices de analfabetismo total ou funcional do país, mas estes são reapresentados historicamente indicando insucesso de tais iniciativas. Há se de se incorporar um novo olhar sobre a EJA urgentemente gerando a consciência de que a situação em que se encontra é um reflexo das relações sociais existentes e que seu êxito tem um papel fundamental no desenvolvimento do país. A educação conferida aos jovens e adultos excluídos socialmente deve enfatizar o desenvolvimento de habilidades que os ajudarão no convívio social, tem que lhes dar respaldo para a realidade em que estão inseridos, permitindo-lhes refletir sobre a própria realidade. Libaneo aponta que:

(...) A educação de qualidade é aquela mediante a qual a escola promove, para todos, o domínio dos conhecimentos e desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas indispensáveis ao atendimento das necessidades individuais e sociais dos alunos, bem como a inserção no mundo e constituição da cidadania também como poder de participação, tendo em vista construção de uma sociedade mais justa e igualitária" (2003:117).

A educação de forma geral tem que permitir o desenvolvimento de uma visão crítica, não só por parte dos alunos, mas todos que estão envolvidos no processo educacional, uma

¹ Graduando em Geografia (licenciatura); membro do grupo de pesquisa CNPQ-Seppeja/Codap/UFS. Contato: Daniel_oguardiao@hotmail.com

² Professora do Colégio de Aplicação da UFS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa CNPq – Seppeja/Codap/UFS. Coordenadora do Projeto Pró-docência para a EJA (PIBIX/2011-2012). Contato: josefaaju@gmail.com

vez que a própria sociedade que educa o homem entende o processo histórico e dialético da mesma é fundamental para entendermos nossa própria realidade. A EJA reflete a realidade social do nosso país, sendo a alfabetização uma de suas categorias mais priorizadas no discurso dos governantes, quando colocada por eles como a solução de todos os males de um país em desenvolvimento, e por isso mesmo esta se concretiza na maioria das vezes de forma ingênua, priorizando apenas a simples transmissão da técnica particular (a de ler e escrever) ou até se limitando a isso (PINTO, 2010).

Essa realidade da educação, e mais de perto da EJA, serviu como inquietação para a elaboração deste trabalho através do qual se busca apontar alguns dos problemas já reconhecidos desta modalidade através do resgate de um breve histórico sobre a sua realização, comparando com a realidade encontrada e vivida pelos alunos da EJA do Colégio de Aplicação que participam do Curso: Aprofundando saberes na EJA com a intenção de contribuir para a reflexão dos rumos da EJA apresentando a aplicação de novos métodos de ensino que proporcionem um processo de aprendizagem mais qualitativo para este aluno e seu meio social.

BREVE HISTÓRICO DA EJA NO BRASIL

Para entender como se deu o desenvolvimento do ensino da EJA no Brasil, faz-se necessário analisar a sua existência nas últimas quatro décadas das quais se pode destacar as principais ações e programas do Estado para EJA: Fundação Mobral (1967-1985), Fundação Nacional da Educação de Jovens e Adultos - Fundação Educar (1986-1990) e o Programa Brasil Alfabetizado (2003-atual). Cabe ressaltar que a EJA no Brasil surgiu como uma alternativa para a qualificação de mão de obra para trabalhar nas indústrias, representando puramente interesses políticos e econômicos, uma vez que bastava o conhecimento superficial da leitura e da escrita, uma forma de manutenção do sistema político vigente que estava preocupado também com os votos, uma vez que os analfabetos eram proibidos de votar. Então a EJA nessa época não representava mais que um voto para os políticos por isso deu-se início

¹ Graduando em Geografia (licenciatura); membro do grupo de pesquisa CNPQ-Seppeja/Codap/UFS. Contato: Daniel_oguardiao@hotmail.com

² Professora do Colégio de Aplicação da UFS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa CNPq – Seppeja/Codap/UFS. Coordenadora do Projeto Pró-docência para a EJA (PIBIX/2011-2012). Contato: josefaaju@gmail.com

ao movimento de alfabetização no país com a Fundação Mobral que foi instituída durante o período militar, como resposta as diretrizes do estado autoritário.

Seu início com o Movimento Brasileiro de Educação, criado em 1967 apresentava uma estrutura paralela e autônoma em relação ao Ministério da Educação e Cultura, recrutando pessoas, muitas vezes sem nenhuma formação para este ensino, já que era exigido como único requisito saber ler e escrever, estando aí uma das principais críticas a esse movimento que registra a evidente a despreocupação com o saber e fazer docente e com os próprios estudantes. Qualquer um, de qualquer forma e ganhando qualquer coisa poderia atuar como docente nestas classes de alfabetização de adultos (GALVÃO e SOARES, 2004). Essas campanhas de alfabetização implantadas no Brasil representavam simplesmente o interesse da elite, uma vez que não consideravam o público-alvo da ação como sujeitos históricos ao tempo em que denunciavam que tampouco pretendiam transformar a estrutura da sociedade. Portanto Freire afirma:

(...) A educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente. Como situação cognosciológica, em que o objeto cognoscível, em lugar de ser o término do ato cognoscente, educador, de um lado, educando, de outro, a educação problematizadora, coloca, desde logo, a exigência da superação da condição educador-educando. Sem ela, não é possível a relação dialógica, indispensável a cognoscibilidade dos sujeitos cognoscentes, em torno do mesmo objeto cognoscível. (FREIRE, 1983, p. 78).

Quanto à ação de organismos internacionais entre os quais se destaca a UNESCO, pela difusão de propostas do ensino de jovens e adultos, uma vez que estimula a criação de diversos programas de alfabetização de adultos, lança no Brasil a Campanha de Adolescentes e Adultos (CEAA). A este respeito, Paiva faz a seguinte declaração:

¹ Graduando em Geografia (licenciatura); membro do grupo de pesquisa CNPQ-Seppeja/Codap/UFS. Contato: Daniel_oguardiao@hotmail.com

² Professora do Colégio de Aplicação da UFS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa CNPq – Seppeja/Codap/UFS. Coordenadora do Projeto Pró-docência para a EJA (PIBIX/2011-2012). Contato: josefaaju@gmail.com

A educação dos adultos convertia-se num requisito indispensável para ‘uma melhor organização e reorganização social com sentido democrático e num recurso social da maior importância’, para desenvolver entre as populações marginalizadas o sentido de ajustamento social. A campanha significava o combate ao marginalismo, conforme o pronunciamento de Lourenço Filho: devemos educar os adultos, antes de tudo, para que esse marginalismo desapareça, e o país possa ser mais coeso e mais solidário; devemos educá-los para que cada homem ou mulher melhor possa ajustar-se à vida social e às preocupações de bem-estar e progresso social. E devemos educá-los porque essa é a obra de defesa nacional, porque concorrerá para que todos melhor saibam defender a saúde, trabalhar mais eficientemente, viver melhor em seu próprio lar e na sociedade em geral (PAIVA, 1987 p. 179).

Após a CEAA, outras inúmeras campanhas foram implantadas no país, porem nenhuma delas alcançou êxito, o analfabetismo foi combatido por vários governos, mas com os todos eles as campanhas e programas foram um fracasso, devido a sua baixa qualidade, não levaram em consideração as diferentes realidades de cada região do país e de cada educando, e os recursos investidos nos programas eram ínfimos mediante o grande numero de analfabetos que o país apresentava. Vale ressaltar que o método freiriano de alfabetização considerava o educando como um sujeito ativo no processo de aprendizagem, pois esses seriam responsáveis por recriar sua própria historia, desde que tomada a consciência de seu papel transformador na sociedade. Freire então afirmava:

A pedagogia, como pedagogia humana e libertadora, terá dois elementos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão revelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis; o segundo, em que, transformada a realidade opressiva, esta pedagogia deixa de ser a do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação. (FREIRE, 1983, p. 44).

¹ Graduando em Geografia (licenciatura); membro do grupo de pesquisa CNPQ-Seppeja/Codap/UFS. Contato: Daniel_oguardiao@hotmail.com

² Professora do Colégio de Aplicação da UFS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa CNPq – Seppeja/Codap/UFS. Coordenadora do Projeto Pró-docência para a EJA (PIBIX/2011-2012). Contato: josefaaju@gmail.com

O método de Paulo Freire foi de encontro aos interesses da elite do Brasil, uma vez que esse permitia libertação e autonomia de pensamento ao educando, vendo como um risco essa forma de ensino, o mesmo foi proibido de continuar seu trabalho educativo, pois não era essa forma de ensino que interessava a burguesia, queriam um método em que a leitura e a escrita tivessem um fim em si mesma, seria uma alfabetização de adestramento das massas. Surgindo nesse contexto histórico, o MOBRAL que já foi mencionado, logo após surge o EDUCAR em 1985, funcionando através de convênios com os órgãos estaduais e prefeituras, que teve uma importância muito grande principalmente com os movimentos sociais.

Com a Constituição Federal de 1988, os direitos educativos dos jovens e adultos são assegurados no Capítulo III, Seção I, Da Educação da Constituição Federal, Artigo 208, inciso I, que garante a provisão pública de “*ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria*”. Haddad (2007) fala da importância da Constituição de 1988 para o ensino da EJA:

A EJA é uma conquista da sociedade brasileira. O seu reconhecimento como um direito humano veio acontecendo de maneira gradativa ao longo do século passado, atingindo sua plenitude na Constituição de 1988, quando o poder público reconhece a demanda da sociedade brasileira em dar aos jovens e adultos que não realizaram sua escolaridade o mesmo direito que os alunos dos cursos regulares que frequentam a escola em idades próprias ou levemente defasadas.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) reitera em seu art. 4º os direitos constitucionais da população jovem e adulta à educação:

O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: oferta de educação regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e

¹ Graduando em Geografia (licenciatura); membro do grupo de pesquisa CNPQ-Seppeja/Codap/UFS. Contato: Daniel_oguardiao@hotmail.com

² Professora do Colégio de Aplicação da UFS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa CNPq – Seppeja/Codap/UFS. Coordenadora do Projeto Pró-docência para a EJA (PIBIX/2011-2012). Contato: josefaaju@gmail.com

disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola.

PROBLEMAS DO ENSINO DA EJA

O adulto nada mais é que um membro da sociedade ao qual cabe a produção social, a direção e a reprodução da sociedade. O educador de adultos tem que admitir que os indivíduos os quais instrui são homens normais e realmente cidadãos úteis, não podem ser pensados de forma marginalizada, como uma anomalia social, mas precisam ser vistos como produto da sociedade em que vivem. Pinto afirma:

O educador tem de considerar o educando como um ser pensante. É um portador de ideias e um produtor de ideias, dotado frequentemente de alta capacidade intelectual, que se revela espontaneamente em sua conversação, em sua crítica aos fatos, em sua literatura oral. O que ocorre é que a presença do erudito arrogante, “culto”(o “doutor”) o analfabeto se sente inferiorizado e seu comportamento se torna retraído. Mas se o educador possui uma consciência verdadeiramente crítica, que não pretende se sobrepor ao educando adulto, e sim se identifica com ele e utiliza um método adequado(em essência catártico), o analfabeto revela uma capacidade de apreensão e agudeza de vistas que o equiparam a media dos indivíduos de sua idade em melhores condições. (PINTO, 2010, p.86)

Uma das principais funções da EJA é atuar sobre as massas, para que estas pela elevação do conhecimento e poder cultural produzam representantes mais capacitados para influir na sociedade. Um dos grandes erros desse tipo de ensino por parte dos docentes é conceber o adulto como um atrasado, que o considera como uma criança que cessou de se desenvolver culturalmente, se utilizando dos mesmos métodos que são utilizados no ensino

¹ Graduando em Geografia (licenciatura); membro do grupo de pesquisa CNPQ-Seppeja/Codap/UFS. Contato: Daniel_oguardiao@hotmail.com

² Professora do Colégio de Aplicação da UFS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa CNPq – Seppeja/Codap/UFS. Coordenadora do Projeto Pró-docência para a EJA (PIBIX/2011-2012). Contato: josefaaju@gmail.com

infantil. O adulto é visto como um ser que estacionou no seu processo de desenvolvimento. Esta concepção segundo Pinto (2010) é ingênua, falsa e inadequada porque:

- deixa de encarar o adulto como um sabedor;
- ignora que o desenvolvimento fundamental do homem, é de natureza social, faz-se pelo trabalho, e que o desenvolvimento não para pelo fato de o indivíduo ser analfabeto;
- ignora o processo de evolução de suas faculdades cerebrais;
- não reconhece o adulto iletrado como membro atuante e pensante de sua comunidade, na qual de nenhuma maneira é julgado um “atrasado” e onde, ao contrário, pode até desenvolver uma personalidade de vanguarda.

Essa concepção leva a graves erros pedagógicos pela aplicação de métodos inadequados, sendo possível combatê-la com métodos que integrem o homem a sua realidade, a sua vivência, a comunidade em que vive, pois os conhecimentos simbólicos da escrita e da leitura só podem ter um desenvolvimento pleno, quando o homem conseguir desenvolver um olhar crítico sobre a sua realidade, a sua própria vida e o seu meio social. A sociedade que educa o homem não pode pensar em educação sobre quatro paredes em uma sala de aula, onde o docente é o transmissor e o discente um mero receptor, onde o “objeto” do ensino é descontextualizado da realidade a que se destina. Quando na verdade se trata do sujeito, sabedor e detentor de conhecimento, pois vive em um meio social e com ele também aprende.

Não cabe ao professor o título de único possuidor do conhecimento, do saber e da cultura. Conceituar o analfabetismo como um mal, uma doença, de um caráter patológico, quando na verdade essa realidade é claramente explicada pelas condições sociais do próprio indivíduo, vendo a educação como terapêutica, a cura de todos os males da sociedade, a docente é o sadio, é aquele ser que vai trazer cura para o doente, visão totalmente distorcida em se tratado das condições históricas e sociais encontradas no nosso país, que por si só explica o analfabetismo, a educação de jovens e adultos, uma vez que essa mesma que a

8

¹ Graduando em Geografia (licenciatura); membro do grupo de pesquisa CNPQ-Seppeja/Codap/UFS. Contato: Daniel_oguardiao@hotmail.com

² Professora do Colégio de Aplicação da UFS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa CNPq – Seppeja/Codap/UFS. Coordenadora do Projeto Pró-docência para a EJA (PIBIX/2011-2012). Contato: josefaaju@gmail.com

nomeia, e a oficializa, e a fez ser o que é. Pinto (op. cit) aponta os diversos erros que são fundamentais dessa visão idealista:

- 1) Partir da suposição de ignorância em um indivíduo no qual, em verdade, há considerável acervo do saber.
- 2) Explicar a realidade do iletrado segundo causas abstratas, segundo conceitos imaginários e totalmente inadequados, deixando assim de buscar suas raízes objetivas no processo social no qual o indivíduo, efetivamente, se encontra inserido.
- 3) Apresentar como recursos, para solucionar o problema social do analfabetismo, métodos de alfabetização e de educação que são de baixo rendimento e elevado custo, além de não conduzir ao esclarecimento da consciência do indivíduo, mas unicamente, no melhor dos casos, conseguem dotá-los da habilidade de saber ler e escrever, que permanece para eles sem finalidade.
- 4) Despertar uma atitude geral de alarme social em face da gravidade do problema do analfabetismo, o que é um meio seguro de fazê-lo incompreendido em suas verdadeiras causas objetivas. Em lugar de reconhecer no analfabetismo um índice natural da etapa em que se encontra o processo de desenvolvimento nacional, apresenta-o como uma monstruosidade que é preciso “combater”, “erradicar”. (PINTO, 2010, p.92)

METODOLOGIA DO TRABALHO

Para esta pesquisa descritiva apresentada pelo presente artigo foi realizada uma revisão bibliográfica em artigos e literatura que tratam do tema proposto, como também foi aplicado um questionário socioeconômico aos alunos do Curso: Aprofundando saberes na EJA, estudantes do Codap/UFS nesta modalidade de ensino.

a) PERFIL DOS ALUNOS DA EJA DO CODAP

9

¹ Graduando em Geografia (licenciatura); membro do grupo de pesquisa CNPQ-Seppeja/Codap/UFS. Contato: Daniel_oguardiao@hotmail.com

² Professora do Colégio de Aplicação da UFS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa CNPq – Seppeja/Codap/UFS. Coordenadora do Projeto Pró-docência para a EJA (PIBIX/2011-2012). Contato: josefaaju@gmail.com

Com base no questionário que foi aplicado aos alunos da EJA no Codap/UFS foi possível caracterizar o público da EJA atendido pelo Curso: Aprofundando Saberes na EJA do Projeto: Pró-docência para EJA (PIBIX/UFS 2011-2012), informantes deste estudo. Para tanto, serviram como amostra informante 15 alunos assim descritos:

- a) Está compreendido na faixa etária de 17 a 50 anos;
- b) Quanto a etnia, cerca de 50% se consideram pardos;
- c) 90% informaram morar em casa com a família; destes cerca de 80% residem em casa própria e 10% em casas alugadas; em média, residem 03 pessoas por residência;
- d) 55% são pais de família tendo em media dois filhos;
- e) Cerca de 60% vivem com um salário mínimo;
- f) A maioria desempenha a função de auxiliar de serviços gerais;
- g) 20% informaram não ter uma renda mensal, pois não trabalham e dependem financeiramente dos pais ou responsáveis;
- h) 20% ganham mais que 1 salário mínimo, exercendo funções administrativas, como vigilante e bombeiro hidráulico;
- i) 80% informaram saber usar o computador para pesquisas ou acesso às redes sociais como os principais motivos apontados para o uso deste instrumento de comunicação;
- j) Quando questionados sobre a possível razão para a parada nos estudos, mais de 90% foram unânimes em afirmar que o principal motivo para o afastamento do estudo em algum momento da vida, foi o exercício de algum trabalho.

Simplificadamente, com a aplicação dos questionários se percebeu que a maior parte dos estudantes da EJA são trabalhadores, ganham um salário mínimo, exercem funções menos valorizadas socialmente. Para uma realidade como esta a escola e o educador precisam estar atentos às necessidades de seu alunado, fazendo da educação algo que seja necessário realmente às suas vidas, seja útil, reflita-se como ponte para o seu desenvolvimento sociocultural, afetivo e não simplesmente cognitivo como já advertiu Pinto (2010).

10

¹ Graduando em Geografia (licenciatura); membro do grupo de pesquisa CNPQ-Seppeja/Codap/UFS. Contato: Daniel_oguardiao@hotmail.com

² Professora do Colégio de Aplicação da UFS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa CNPq – Seppeja/Codap/UFS. Coordenadora do Projeto Pró-docência para a EJA (PIBIX/2011-2012). Contato: josefaaju@gmail.com

b) REALIDADE EDUCACIONAL PARTILHADA NO CODAP

Com a vivência do ensino da EJA no Codap/UFS, através da atuação como docente no Curso: Aprofundando saberes na EJA, tivemos a oportunidade de presenciar quão irreais eram as considerações e ideias em torno de alunos da EJA quando lhe atribuíam características como: atrasados, parados no desenvolvimento intelectual. Os alunos, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, demonstraram bastante interesse em relação aos temas tratados nas aulas que sempre e iniciavam tendo como objetivo primeiro a compreensão de tudo aquilo que era lido.

Nos conteúdos ministrados nas aulas, inquietavam-se e faziam diversas intervenções ao tempo em que o conhecimento era literalmente construído coletivamente. Vale ressaltar que para esta construção abriu-se mão de levar à sala de aula conceitos prontos ou lições previamente e comodamente encontradas nos livros didáticos, para que justamente como os alunos em sala a partir de uma imagem, um texto, questionamentos sobre um determinado tema, esses conceitos fossem reconstruídos por cada um, de acordo com sua realidade, sempre tentando extrair deles o que já sabiam a respeito do tema e auxiliando-os a aplicarem em seu cotidiano os conceitos apreendidos.

Acreditamos que a educação é uma via de mão dupla, pois a experiência vivenciada neste projeto fez-nos perceber que aprendemos enquanto ensinamos e que é possível enriquecer-se enquanto pessoa e profissional docente, ao tempo em que reconhecemos que este é realmente o nosso papel na sociedade. Procuramos de fato experimentar que entre as ações docentes centradas na construção de conceitos pelos alunos encontra-se a de se considerar a vivência como parâmetro do processo de conhecimento. Confirmamos que é do confronto da dimensão do vivido com o concebido socialmente – os conceitos científicos – que se tem a possibilidade da reelaboração e maior compreensão do vivido através da internalização consciente do concebido. Procuramos levar em conta o mundo vivido dos alunos para a construção do saber em sala de aula o que implica apreender seus

¹ Graduando em Geografia (licenciatura); membro do grupo de pesquisa CNPQ-Seppeja/Codap/UFS. Contato: Daniel_oguardiao@hotmail.com

² Professora do Colégio de Aplicação da UFS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa CNPq – Seppeja/Codap/UFS. Coordenadora do Projeto Pró-docência para a EJA (PIBIX/2011-2012). Contato: josefaaju@gmail.com

conhecimentos prévios e sua experiência em relação ao assunto estudado, assim como afirmou Cavalcanti (1988).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pesquisa bibliográfica ficaram evidentes como principais problemas da EJA:

- manejo pedagógico tendendo à infantilização do ensino de jovens e adultos;
- o ler e escrever por si só como fim da ação pedagógica sem nenhuma construção crítica;
- a concepção do adulto iletrado como atrasado

A consciência e revisão destes problemas servem como um alerta para que possamos ter outra prática como docente e como um estado fomentador de ações para que ela possa se inserir no contexto da inovação pedagógica.

Revelada também a diversidade que caracteriza a realidade da educação de jovens e adultos no Brasil em seu processo histórico, fica claro que a opção por campanhas e programas está fadada ao fracasso através da apreciação histórica deste processo, uma vez que não correspondem às necessidades reais dos alunos da EJA.

Além disso, faz-se necessário extinguir a visão ingênua que ainda persiste a respeito da EJA para que possamos caminhar rumo a uma visão mais crítica e produtiva da sociedade e, é claro, da educação de jovens, adultos e idosos. Mais séria ainda deveria ser a preocupação com o seu ensino, refletindo sobre as práticas pedagógicas e métodos utilizados para a percepção e execução desta modalidade educativa para que se reverta a situação de parte dos alunos que se incluem nesta realidade escolar, que deveria ser educado a se enxergar e atuar como agente social e transformador da realidade a que pertence.

Uma pequena demonstração da vivência diferenciada das aulas de EJA no Codap/UFS deixa clara a possibilidade de se construir uma alternativa diferenciada para a EJA se considerados os conhecimentos prévios e contextualizados que estes alunos trazem para a sala de aula, bem como se conferida a prioridade às atividades de leitura e escrita como estratégias para a inovação pedagógica que esta modalidade educativa carece.

¹ Graduando em Geografia (licenciatura); membro do grupo de pesquisa CNPQ-Seppeja/Codap/UFS. Contato: Daniel_oguardiao@hotmail.com

² Professora do Colégio de Aplicação da UFS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa CNPq – Seppeja/Codap/UFS. Coordenadora do Projeto Pró-docência para a EJA (PIBIX/2011-2012). Contato: josefaaju@gmail.com

BIBLIOGRAFIA

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos. Campinas, SP: Papirus, 1998.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo; GUIMARAES, Sérgio. *Aprendendo com a própria história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969

HADDAD, Sérgio. Novos caminhos em Educação de Jovens e Adultos- EJA. São Paulo: Global, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. Educação escolar: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003.

PAIVA, Vanilda Pereira. *Educação popular e educação de adultos*. São Paulo: Loyola, 1987..

PINTO, Álvaro Vieira. Sete lições sobre educação de adultos. São Paulo, Cortez, 2010.

¹ Graduando em Geografia (licenciatura); membro do grupo de pesquisa CNPQ-Seppeja/Codap/UFS. Contato: Daniel_oguardiao@hotmail.com

² Professora do Colégio de Aplicação da UFS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa CNPq – Seppeja/Codap/UFS. Coordenadora do Projeto Pró-docência para a EJA (PIBIX/2011-2012). Contato: josefaaju@gmail.com